

O ESTRANGEIRO E O HOMEM MODERNO



Cecília L. Mariz
Professora da

Universidade Federal de Pernambuco

1. INTRODUÇÃO

Despertou-me a atenção o fato de tanto Simmel quanto Schutz terem escrito um ensaio sobre "O Estrangeiro". Embora cada um tenha dado ênfase diferente em sua análise, ambos estavam interessados na experiência de alguém de fora ou estranho a um grupo. Schutz enfatizou a adaptação do estrangeiro e o aspecto subjetivo de sua ressocialização. Simmel concentrou-se mais na relação entre o estrangeiro e os membros do grupo: seja estudando as características da relação social entre eles, seja analisando a forma como o estrangeiro é percebido.

Por que estes autores estavam interessados na experiência dos estrangeiros ou dos estranhos ao grupo? Pode-se tentar responder esta questão através da análise biográfica e da experiência pessoal de ambos os autores. Simmel e Schutz eram, eles próprios, estrangeiros. A experiência de Simmel, como judeu numa Alemanha anti-semita, transparece nos exemplos com judeus em seu ensaio. Também a experiência pessoal de Schutz, como austríaco exilado nos Estados Unidos, se reflete nos exemplos por ele escolhidos para ilustrar sua análise. No entanto, acredito que a vida pessoal destes autores não seja motivo suficiente para explicar seu interesse pela problemática do estrangeiro. Creio que este interesse tenha uma raiz mais profunda. Sugi-ro, neste trabalho, que o interesse de Schutz e Simmel, em torno da experiência de um estranho ao grupo, caracteriza fundamentalmente a situação do homem moderno, estrangeiro, paradoxalmente na sua comunidade de origem. Minha intenção, no presente artigo, é apontar a semelhança entre a experiência do estrangeiro e aquela do indivíduo na sociedade moderna.

Procu-ro mostrar, nesta minha análise dos ensaios de Schutz e Simmel, que: 1) a vida da sociedade moderna proporciona a todos os indivíduos, em seu cotidiano, a experiência subjetiva de serem um estrangeiro ou um estranho em sua própria sociedade; 2) este tipo de experiência subjetiva cria condições para o desenvolvimento da visão de mundo moderno, que é individualista e racional.

Acredito que, na análise destes ensaios, ficam explícitas as mais importantes contribuições de Simmel e Schutz para o entendimento da sociedade moderna e para a compreensão da subjetividade e vida psicológica do homem moderno. Espero, também, oferecer com este trabalho um exemplo da utilidade da perspectiva fenomenológica no estudo de macrofenômenos. Tento mostrar, especificamente, sua utilidade para compreensão da visão de mundo individualista e racional. Embora Simmel não tenha sido diretamente influenciado pela filosofia fenomenológica, como o foi Schutz, várias de suas idéias, como mostra Psathas (1979), são similares aos

princípios básicos da Sociologia Fenomenológica de Schutz. Neste ensaio de Simmel, estas semelhanças são muito claras.

A contribuição mais importante da fenomenologia para o estudo de cosmovisões e ideologias é o reconhecimento de que nenhuma visão de mundo se pode difundir e ser aceita, se não houver uma experiência subjetiva que a torne plausível. Como mostra Wagner (1973), a concepção fenomenológica enfatiza as raízes subjetivas do fato a estrutura social. Schutz oferece um antídoto contra as reificações, comuns nas sociologias positivistas. Entretanto, a ênfase nos aspectos subjetivos do fato social não nega seus outros aspectos. No caso específico do estudo de ideologias e visão de mundo, a mera análise da experiência subjetiva é insuficiente, porque não consegue dar conta de problemas, como os interesses econômicos e políticos defendidos ou apoiados pelas ideologias e cosmovisões. Portanto, apesar de sua importância, ressalta-se que a abordagem fenomenológica não é bastante para um entendimento global da questão da ideologia.

2. A DEFINIÇÃO DE “ESTRANGEIRO”

Simmel conceitua “estrangeiro” como aquele que está fisicamente perto mas simbolicamente distante. Enfatiza dois tipos de critérios para definir distâncias numa relação social: o critério da proximidade ou distância física e o critério da proximidade ou distância cultural ou simbólica. A situação do estrangeiro é bastante específica, no sentido que aqueles que estão fisicamente próximos a ele estão simbolicamente distantes, e os simbolicamente próximos se encontram fisicamente afastados (Simmel, 1959). Como dá para se perceber nesta explicação, a conceituação de “estrangeiro”, de Simmel, é bastante abstrata. Em contraste, Schutz oferece uma definição bem concreta, dando exemplos bem específicos.

Schutz define “estranho”, como um indivíduo que “tenta ser aceito permanentemente ou pelo menos tolerado pelo grupo do qual se aproxima” (Schutz, 1971). Cita, como exemplo de “estranho”, um candidato a membro de um clube fechado, um noivo precavido que quer ser aceito pela família da moça (...) O filho do fazendeiro que entra na universidade, um habitante da cidade que se estabelece no meio rural” (Schutz, 1971).

Apesar do estilo diferente de definição, Simmel e Schutz não se contradizem e parecem concordar nas suas concepções de estrangeiro. Ambos referem-se ao “estranho”, num sentido amplo. Seus conceitos podem incluir tanto os imigrantes em outros países como indivíduos na sociedade moderna, encontrando diferentes grupos. O indivíduo, na metrópole moderna, está fisicamente próximo de muitas pessoas das quais se encontra simbolicamente muito distante.

3. O ESTRANGEIRO NA SOCIEDADE MODERNA

O estrangeiro aparece historicamente ligado ao comércio. Como mostra Simmel (1959:403), “o estrangeiro é por natureza um não possuidor do solo” e sua atividade básica é o comércio. Assim, com o surgimento do capitalismo mercantil, que inicia a Era Moderna, a figura do estrangeiro torna-se mais comum. Na sociedade de subsistência baseada nas atividades rurais, o estrangeiro era um fenômeno muito raro. A experiência de ser um estrangeiro ou encontrar-se e relacionar-se

com um estranho era restrita a um pequeno número de pessoas, tais como os judeus. Lyn Lofland (1973), no seu estudo sobre a cidade moderna, descreve como a experiência de ser um estranho é um fenômeno recente, que não era comum nas sociedades tribais e antigas. A raridade deste fenômeno explica a existência de numerosos mitos sobre os estrangeiros, além dos variados rituais e crenças em torno da hospitalidade a um estranho.

A complexidade da sociedade moderna, seu pluralismo e dinamismo multiplicam as possibilidades de alguém tornar-se estranho para outros e deparar-se com estranhos. A experiência subjetiva de ser um estrangeiro torna-se uma experiência disponível para todos os indivíduos na sociedade industrial moderna. A grande variedade de estilos de vida desta sociedade, junto com o dinamismo da vida moderna colocam os indivíduos freqüentemente em novas situações e ambientes estranhos para ele. Por falta de opções em sua região de origem, muitos indivíduos, especialmente jovens, são obrigados a mudar-se para áreas muito diferentes daquelas, onde foram criados. (Wagner, 1973:79) Mas, a mobilidade geográfica da sociedade moderna não é o único processo que transforma indivíduos em estranhos. A mobilidade social e as rápidas transformações desta sociedade também lançam indivíduos em diferentes ambientes e situações, nas quais ele é "um de fora" e, tal como um estrangeiro numa terra desconhecida, precisa usar técnicas adaptativas, precisa ser ressocializado. Portanto, pode-se dizer que a sociedade moderna é uma produtora de estrangeiros ou, mais genericamente, de estranhos. A cidade moderna é, então, como Lyn Lofland muito propriamente a chama, "um mundo de estranhos".

Daí o entendimento da experiência subjetiva de um estrangeiro ser muito importante para a compreensão da mentalidade do homem moderno. Esta é a razão que me faz acreditar que, em seus ensaios sobre "O Estrangeiro", Simmel e Schutz apresentam suas idéias básicas acerca da vida no mundo moderno.

4. O ESTRANGEIRO E A OBJETIVIDADE

Tanto Schutz como Simmel acreditam que a posição do estrangeiro possibilita uma análise mais objetiva da vida do grupo, a que ele não pertence. Simmel afirma que o estranho ao grupo "não está preso de forma radical aos elementos específicos e às tendências particulares do grupo, portanto, pode encarar estes elementos com uma atitude objetiva". Mostra, ainda, que uma atitude objetiva não é apenas uma atitude passiva e desinteressada de alguém que se encontra distanciado do objeto observado. Enfatiza que objetividade supõe também proximidade e envolvimento, assim a atitude objetiva envolve distância e proximidade, indiferença e envolvimento (Simmel, 1959:404). Por isso, Simmel acredita que o estrangeiro estaria numa posição privilegiada para a objetividade. A objetividade do estrangeiro é devida não apenas ao seu desligamento e distância dos valores e interesses do grupo, mas também à sua proximidade e convivência neste grupo. A proximidade física proporcionaria um conhecimento interno do grupo ou empatia. Este conhecimento, por permitir um entendimento e avaliação mais adequada do grupo, é importante para um conhecimento objetivo do mesmo.

Schutz também considera a objetividade uma peculiaridade fundamental da atitude do estranho em relação ao grupo. Tanto para ele como para Simmel, o desligamento não é bastante para explicar a competência crítica do estrangeiro. Schutz afirma que o estranho "não está ligado à adoração dos 'ídolos da tribo' e tem um

sentimento vívido da incoerência e inconsistência do modelo cultural do qual ele se aproxima”. Entretanto, acentua que a razão mais profunda da objetividade do estrangeiro repousa na sua própria experiência amarga dos limites do “pensar como de costume”, que ensinou a ele que um homem pode perder seu *status*, suas regras de comportamento e mesmo sua história e que o caminho normal de sua vida é sempre muito menos garantido do que parece ser (Schutz, 1971:104). Para Schutz, a experiência de questionar o “as coisas tidas como certas” (*the world taken for granted*) ou “o mundo tido como natural” permite ao estrangeiro obter uma visão mais crítica e objetiva da sociedade. A experiência do estrangeiro seria um tipo de “quebra” involuntária da realidade.

Na opinião de ambos os autores, a experiência de ser um estrangeiro liberta o indivíduo dos preconceitos de seu próprio grupo e dos grupos de quem se aproxima. Simmel usa o termo “liberdade” para se referir à objetividade do estrangeiro; afirma que esta objetividade significa uma liberação de preconceitos (Simmel, 1959:405).

Portanto, quando Simmel e Schutz discutem a capacidade do estrangeiro de ser objetivo, estão analisando seu processo de individualização. Estão analisando também o processo de racionalização de seu modo de pensar. Embora Simmel e Schutz não explicitem o que querem dizer com conhecimento objetivo, penso que se referem ao conhecimento racional, por duas razões. Primeiro, porque o conhecimento racional é sempre considerado como o oposto do tradicional. Ambos os autores destacam como a experiência de ser estrangeiro destrói a confiança na tradição. Em segundo lugar, o conhecimento racional é baseado em operações lógicas e regras que a pessoa por si própria pode, teoricamente, descobrir e seguir. Portanto, o processo de racionalização e individualização parece compartilhar uma experiência subjetiva comum. Esta seria similar à experiência de ser um estrangeiro.

5. O ESTRANGEIRO E O PROCESSO DE INDIVIDUALIZAÇÃO

Por ter tido a amarga experiência dos limites de suas crenças e valores, enfim, de todo o seu “modo costumeiro de pensar”, o estrangeiro se torna incapaz de compartilhar, não apenas a definição de realidade do seu grupo de origem, mas também a definição de realidade do novo grupo, ao qual tenta se integrar. O estrangeiro vive uma “crise” nas palavras de Schutz. Questiona sua maneira de ver a realidade e não consegue adotar docilmente um novo modo de ver.

Esse processo de crise faz o estrangeiro ver a si próprio como um indivíduo único. Sua experiência subjetiva e sua individualidade tornam-se a única realidade confiável. “O mundo tido como natural” ou “as coisas tidas como certas” (*taken for granted*) do seu grupo de origem e do seu novo grupo perdem suas características de realidade objetiva. A vida interior e a subjetividade adquirem mais significado e importância para o indivíduo. A subjetividade individual passa a ser considerada como a verdadeira realidade. As opiniões, os julgamentos e interesses individuais tornam-se a base de todas as ações, como também fonte de significados e sentido para a vida. Portanto, a experiência subjetiva de ser um estrangeiro torna plausível a visão individualista da sociedade moderna. Esta visão enfatiza os direitos individuais, a autonomia, a responsabilidade do indivíduo e sua habilidade de escolher.

Acredito que a experiência do estrangeiro de duvidar do mundo tido como natural, ou seja, questionar o senso comum, precede o processo de individualização. O processo de individualização é aquele, no qual o indivíduo desenvolve seus interesses próprios e sua identidade, independentemente daqueles de seu grupo. Este processo é característico da sociedade moderna. Nesta sociedade, os indivíduos são percebidos como autônomos, livres para construir sua própria identidade. A identidade do indivíduo, bem como seus valores, sua moral e crenças são vistos como fruto de uma escolha pessoal, como mostram Berger e outros (1975). A análise fenomenológica da experiência do estrangeiro pode iluminar a base subjetiva deste tipo de percepção e, assim, da visão individualista do mundo moderno.

6. ESTRANGEIRO, O ANONIMATO E A ABSTRAÇÃO NA SOCIEDADE MODERNA

Em contraste com sua auto-percepção, como uma pessoa única, o estrangeiro é visto pelo grupo do qual se aproxima, como um elemento indistinto de uma categoria geral.

Os membros do grupo identificam o estrangeiro, ou aquele que não pertence ao grupo, pelos elementos que os diferenciam do grupo. Como mostra Simmel, para os membros de um grupo, a característica fundamental do estrangeiro é sua diferença, por exemplo, o fato de não pertencer ao mesmo país, cidade ou raça. Simmel afirma que este elemento incomum não se relaciona com nenhuma característica do indivíduo, mas seria meramente um sinal de estranhamento em relação à origem daquele indivíduo. Este elemento poderá ser comum a vários estrangeiros, inclusive a estrangeiros com origens bem diversas (Simmel, 1959:407). Por isso é que, na sua opinião, a relação com o estrangeiro tende a ser uma relação com uma categoria e não com um indivíduo. Para Simmel, o sentimento de estranhamento em relação a algum objetivo surge quando o elemento de "unicidade" e especificidade do mesmo desaparece. Assim, o sentimento de estranhamento é uma característica da relação social, onde as pessoas se percebem como tipos ou categorias. A relação com um estranho será sempre uma relação abstrata. Simmel afirma que "a proporção de proximidade e distância que dá ao estranho o caráter de objetividade, também encontra expressão prática (ou factual), em uma natureza mais abstrata da relação com ele (Simmel, 1959:405).

A análise que Simmel faz de uma relação social com um estranho, é análoga a sua descrição do tipo de relação social predominante nas sociedades modernas. Seu livro *The Philosophy of Money* (1978) tenta mostrar que, na sociedade moderna, as relações sociais tendem a ser impessoais e abstratas, como o são as trocas monetárias. Os membros da sociedade moderna experimentariam, então, o mesmo anonimato que, tradicionalmente, tem sido uma experiência específica do estrangeiro. Todos, na sociedade moderna, são em geral percebidos como categorias. A especificidade do indivíduo moderno e do estrangeiro. Em ambas as experiências, a diferenciação subjetiva se desenvolve paralelamente a um maior anonimato e abstração das relações sociais.

7. O ESTRANGEIRO, A EMOÇÃO E A LINGUAGEM

Por causa da sua distância simbólica, o estrangeiro não pode se comunicar bem com os membros do grupo. A aquisição da linguagem do grupo é, na opinião de Schutz, o passo mais importante no processo de adaptação de um estrangeiro ou um novato ao grupo. Neste artigo, Schutz destaca o processo de aprendizado de uma nova língua na experiência do estranho.

Schutz se refere à linguagem num sentido amplo, que inclui "ídiomas, termos técnicos, jargões, dialetos, etc." (Schutz, 1971:101). Enfatiza, ainda, o papel da linguagem como esquema de interpretação no mundo tido como natural, certo e garantido ("*taken-for-granted*"). Cada termo tem uma "aura de valores emocionais e implicações irracionais que se mantêm inexprimíveis" (Schutz, 1971:100). O aspecto emocional da linguagem é o mais difícil de ser aprendido pelo estrangeiro. Isto explica a dificuldade de se compreender humor e poesia numa língua estrangeira. Tanto o humorístico quanto o poético têm sua origem nos elementos emocionais da língua.

Schutz acredita que a aquisição de uma linguagem ou idioma só é completa quando este aspecto emocional foi internalizado. Por isso, em sua opinião, alguém só "domina inteiramente um idioma como instrumento de expressão se for capaz de, nesta língua, escrever cartas de amor, rezar e praguejar, além de saber dizer coisas com os matizes e nuances nas situações adequadas" (Schutz, 1971:101).

Porque raramente obtém uma aquisição completa da linguagem, o estrangeiro geralmente tem uma comunicação e relações sociais desprovidas de certo grau de afetividade. As relações entre estranhos, que não partilham, todos, as nuances de uma mesma linguagem, tendem a ser menos emocionais e afetivas do que as relações entre membros do mesmo grupo. Esta dificuldade em trocar emoções leva a um tipo de interação social chamada por Simmel de abstrata (ou do tipo secundária, de acordo com a tipologia de Cooley). Além disso, a dificuldade dos estrangeiros de transmitir e entender as sutilezas de elementos afetivos e emocionais conduz a uma racionalização de suas ações. Numa ação racional, os aspectos afetivos não são importantes, nem são levados em conta.

A interação entre estranhos tende a ser mais racional. Tanto a ação racional como a relação social secundária são características da sociedade moderna. Por isso, insisto em que as análises de Schutz e Simmel do estrangeiro são muito úteis para a compreensão da sociedade moderna.

8. O ESTRANGEIRO E A NECESSIDADE DE REFLEXÃO

Para Schutz, as pessoas se comportam normalmente, seguindo o que chamou de "receitas de conhecimentos". Schutz acha que a impossibilidade de se terem conhecimentos detalhados sobre a realidade cotidiana leva as pessoas a adotarem estas "receitas", que são regras simples de comportamento baseadas num mínimo de teorização e em justificativas pouco elaboradas. Na opinião de Schutz, o conhecimento do senso comum é constituído, basicamente, por estas receitas. O ator social não precisa refletir sobre estas regras nem analisar o porquê adota tal ou qual comportamento. Por considerar um determinado esquema de interpretação da realidade como o único e verdadeiro, o ator não se preocupa em questioná-lo, pois este es-

queima lhe parece como naturalmente dado. Por isso, explica Schutz, as pessoas que sempre viveram em uma determinada cultura não costumam refletir sobre as pressuposições de suas crenças, nem as razões das regras ou padrões de comportamento que adotam.

Este não é o caso de estrangeiro. Por um lado, não pode usar mais "as receitas de conhecimento" aprendidas no seu grupo de origem. E, por outro lado, os padrões adotados pelo grupo do qual se aproxima, não têm para ele uma qualidade de verdade natural e objetiva, mas parecem algo subjetivo e falfível. Consequentemente, na opinião de Schutz, o estrangeiro não pode confiar em conhecimentos vagos e superficiais, que nada explicam. Precisam conhecer não só o **quê** e **como**, mas o **porquê**.

A experiência de ser um estrangeiro requer do indivíduo mais reflexões e mais justificativas racionais para todas as suas ações. Na opinião de Schutz, o estrangeiro necessita deliberar e ponderar mais, ou seja, precisa analisar os motivos e compreender as causas de suas ações mais do que as pessoas que nunca deixaram seu grupo de origem.

A crescente necessidade de reflexão e justificativa é também uma característica da vida moderna, tal como mostram P. Berger e outros no seu **The Homeless Mind** (1975). Berger, baseado em Gehlen, acredita que os indivíduos modernos tendem, cada vez mais a refletir e elaborar explicações racionais para um crescente número de setores de sua vida. Para Berger, um exemplo deste aumento de reflexões seria a difusão do modelo psicanalítico de interpretação na sociedade moderna.

Isto não significa que não há mais "receitas de conhecimento" na sociedade contemporânea. Estas ainda existem, mas parecem estar restritas a alguns aspectos da vida. Acredito que, nas relações sociais mais íntimas, afetivas e emocionais, a maior parte destas receitas não são muito úteis. Provavelmente, cada vez que o indivíduo moderno tenta desenvolver uma nova relação íntima, ele se sente como um estrangeiro que tenta aprender um novo esquema de interpretação e um novo padrão de comportamento. Isto poderia explicar o sucesso e a popularização da psicanálise e da psicologia em geral, na sociedade moderna. Estas disciplinas tornam-se úteis e necessárias, porque tentam satisfazer a necessidade de "receitas" confiáveis e universais no âmbito do relacionamento íntimo.

9. CONCLUSÕES

Este artigo tenta mostrar que o estudo da experiência de ser estrangeiro é importante para o entendimento da sociedade moderna. Como mostram Berger e outros (1975), na vida moderna, o indivíduo tem a experiência subjetiva de ser alguém sem lar - alguém culturalmente desabrigado. Modernidade produz então estranhos, o individualismo e o racionalismo quando destrói a certeza do conhecimento tradicional e "das coisas tidas como certas" (nas palavras de Schutz do *mund taken for granted*).

Este artigo quer mostrar, também, que a visão racionalista e individualista só tem podido expandir-se porque encontra plausibilidade na experiência subjetiva dos indivíduos modernos, que é similar àquela de um estrangeiro.

Por estes ensaios tratarem indiretamente da visão moderna, acredito que neles estão presentes a opinião de seus autores sobre a modernidade.

A crença de ambos os autores quanto ao maior grau de objetividade do conhecimento dos estrangeiros, indica que, para eles, modernidade oferece melhores condições para o desenvolvimento de conhecimentos objetivos, críticos e, conseqüentemente, mais competentes, ou de validade mais abrangente. A tradição não consegue ser a base para conhecimentos de validade universal; os conhecimentos tradicionais e do senso comum são sempre passíveis de crítica e revisão. Daí, na opinião destes autores, a racionalidade individualista, (considerada por Weber a principal característica da sociedade moderna) ser cognitivamente superior à maneira tradicional de pensar. Contudo, estes autores parecem estar conscientes dos limites desta visão de mundo racional.

A despeito de seu sucesso, resolvendo problemas de ordem técnica e administrativa, a racionalidade falha quando tenta lidar com problemas morais e humanos. Este fracasso tem inspirado muitos filósofos e cientistas sociais, tais como Weber, Husserl e Habermas. Como estes, Schutz parece estar consciente dos limites da racionalidade moderna tal qual a conhecemos. Neste seu artigo "The Stranger", destaca a dificuldade que o estrangeiro tem de entender o significado emocional da língua dos outros. Conseqüentemente, pode-se concluir que para Schutz, a objetividade do estrangeiro não o capacitaria a lidar com os aspectos emocionais da vida. Da mesma forma, concluo, baseada apenas neste ensaio, que, tanto para este autor quanto para Weber, a racionalidade moderna não é capaz de oferecer uma base confiável para juízo de valor.

Simmel tem também uma atitude ambivalente, quanto à vida moderna. No entanto, a análise apenas do seu ensaio "The Stranger" não é suficiente para inferir a natureza desta ambivalência. Coper (1985) descreve a atitude de Simmel em relação à modernidade e afirma que a História parece, para Simmel, tanto como uma progressiva liberação dos indivíduos de laços de dependências pessoais, como também conducente à maior dominação do homem por produtos culturais de sua própria criação. (Coser, 1985:18).

Para ambos os autores, o estrangeiro é mais livre da tradição, todavia mais solitário. Do mesmo jeito para ambos, a modernidade é vista como um processo de liberação, que possui, porém, seus custos humanos. Schutz, por exemplo, se refere ao amargor da perda de uma consciência ingênua, ou seja, ao desencanto da descrença no "mundo tido como certo". Esta experiência amarga, descrita por Schutz, pode ser interpretada como os aspectos subjetivos da "anomia" descrita por Durkheim. O indivíduo moderno se sente como um desabrigado, um sem lar, (Berger et al, 1975) e como um estrangeiro, desprovido da certeza da tradição.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Peter L. BERGER et al (1975) *The Homeless Mind*, New York: Random House.
- Lewis COSER (ed.) (1975) *George Simmel*, Englewood Cliffs: Prentice Hall
- Lynn H. HOFLAND *A World of Strangers: order and action in urban public space*, New York: Basic Books.
- G. PSATHAS (1973) *Phenomenological Sociology*, New York: John Wiley & Sons.

- A. SCHUTZ (1971) "The Stranger" in: **Collected Papers**, vol. II The Hague: Martius Nijhoff (p.91-105).
- G. SIMELL (1959) "The Stranger" in Wolf, Kurt (ed.) **The Sociology of George Simmel**, New York: The Free Press (p. 403-8).
- (1978) **The Philosophy of Money**, Boston / London: Routledge & Kegan Paul.
- Helmut WAGNER (1973) "Phenomenology of Consciousness and Sociology of the Life World: An Introductory Study", in: Psathas, G. **Phenomenological Sociology**, New York, John Wiley & Sons.

